

O PIBID E AS SEMENTES DA CONSCIÊNCIA HISTÓRIA

Cláudia Cristina da Silva Fontineles, Dra.
Coordenadora do Pibid/História/CMPP/UFPI
cfontinelles@gmail.com

Introdução:

O presente artigo analisa a importância da utilização de obras literárias e de composições musicais nas aulas de História como linguagens mediadoras no processo de ativação da consciência histórica, naquilo que foi definido por Walter Benjamin como um privilégio do ofício dos historiadores – que seria o de despertar no passado as centelhas da esperança, a partir das reminiscências por ele deixadas. Procuramos refletir em que medida as aulas de História, por meio de atividades pedagógicas do Pibid/História/Ufpi nas escolas públicas do Piauí, ao adotar essas linguagens, podem contribuir para também irradiar entre os estudantes uma postura reflexiva em relação às suas vidas e às configurações históricas estudadas e lhes ensinar a articular passado e presente, à proporção que os habilite a atribuir significados e relevância a esses eventos, por meio do entendimento de um passado saturado de “agoras” e da crença na possibilidade da existência de um futuro.

2 Fundamentação Teórica

Ao partir da perspectiva proposta por Walter Benjamin, em seu texto “Sobre o conceito de História”, a possibilidade de que, por meio do conhecimento histórico, sejamos capazes de integrar o passado ao presente - mesmo que sob a forma de reminiscências -, em nome de um futuro, o texto aqui apresentado discute em que medida o ensino de História pode ser capaz de viabilizar tal feito a partir da utilização de linguagens artísticas como a literatura e a música.

A intervenção docente desenvolvida nas aulas de História aqui é entendida e tratada como sendo o ativador do “despertar no passado as centelhas da esperança”, ao recorrer a essas linguagens para acionar e intensificar os sentidos doados pelo passado aos homens no presente, funcionando como “mediação didática” (MONTEIRO, 2003, p. 14). Procuramos refletir em que medida as aulas de História, ao adotar essas linguagens, podem contribuir para também irradiar entre os estudantes uma postura reflexiva em relação às suas vidas e às configurações históricas estudadas e lhes ensinar a articular passado e presente, à proporção que os habilite a atribuir significados e relevância a esses eventos, por meio do entendimento do passado e da crença na possibilidade da existência de um futuro, que, se possível, seja capaz de instalar as transformações desejadas.

3 Metodologia

Para desenvolver esse projeto, estudamos sobre recursos e linguagens diversificados para estimular o interesse pela leitura e pela escrita e pelos saberes históricos, além dos estudos

acerca do protagonismo histórico e das diferentes formas de desenvolvimento da consciência histórica. Recorremos também à análise de obras literárias nacionais e de composições musicais que tratam sobre o significado da vida e suas diferentes interpretações socio-filosóficas e históricas. Cada composição foi lida, analisada em sua historicidade e feitas propostas de mediações pedagógicas a serem desenvolvidas na Educação Básica.

Após esses estudos, foram desenvolvidos estudos sobre a pertinência pedagógica e historiográficas das referidas obras artísticas. Foram elaboradas atividades pedagógicas sobre as maneiras de como estudar a história brasileira em suas várias manifestações e temporalidades. Essas ações foram desenvolvidas nas três escolas públicas estaduais em que o PIBID/HISTÓRIA atual, uma no centro, uma na zona leste e uma na zona sudeste de Teresina.

4 Discussão e Resultados: Linguagens artísticas a favor da história

Ao aceitar o desafio de recorrer ao uso dessas linguagens para ensinar História, algo importante não pode ser desconsiderado pelo professor de História e, portanto, deve ser indissociável à sua ação pedagógica: é que essas modalidades de linguagem, assim como ocorre com outras manifestações artísticas – cinema, pintura, desenho, histórias em quadrinhos, teatro – devem ser entendidas naquilo que lhe é essencial: devem ser entendidas como produções artísticas, isto é, não podem ser reduzidas à racionalização apertada e funcional de quem recorre a elas como recurso de ensino. Essa dimensão não pode ser aprisionada, nem suprimida por nenhuma outra, pois isso implicaria na negação mesmo da existência delas no que lhe há de mais idiossincrático no campo criativo.

Nesse sentido, as advertências de Nicolau Sevcenko em relação a estudos com literatura nas pesquisas históricas são muito válidas. Segundo ele, não se pode comprometer a riqueza estética e comunicativa do texto literário, pois, “a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover” (SEVCENKO, 1999, p. 20), embora ele próprio acrescente algo com o qual também concordamos: o fato de que cada escritor possui uma “liberdade condicional de criação”, sendo que seus temas estão inseridos na configuração histórica com a qual estabelece relação e na qual são objetivados e sensibilizados. Consideramos serem essas advertências e orientações extensivas ao trabalho com canções também e, sob este prisma, desenvolvemos nosso estudo com o tema aqui apresentado.

O papel do ensino de História passa, então, a ser encarado por nós com relevância potencializada naquilo que justifica mesmo a existência do espaço escolar como *locus* privilegiado da preservação daquilo que a sociedade estabeleceu como merecedor de conservação – ainda que muitas vezes possa oferecer (e o bom é que o faça mesmo) os elementos de reflexão/contestação de muitos valores tratados como imanentes, quando são

historicamente construídos. Se todos os componentes curriculares deveriam assumir este papel, em História isso assume o caráter quase impositivo, dadas as atribuições que lhe foram requeridas.

Acionar no presente os interesses pelo passado e, assim, despertar o interesse pelo próprio presente e pela esperança em um futuro – mesmo que indefinido pela ótica benjaminiana, naquilo que lhe caracterizaria como a tensão entre a “inquietude e a esperança melancólica” (RANGEL, 2012, p. 183) – seria um dos contributos e uma exigência mesmo feita à ciência histórica, que consideramos extensivo ao saber histórico trabalhado e construído no espaço escolar da Educação Básica. Viabilizar isso através do trabalho com duas linguagens específicas, aqui analisadas, não só é importante, como já integra mesmo os discursos oficiais, que passam a reconhecer a importância da diversificação das linguagens adotadas pelas escolas brasileiras, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História, que orientam o trabalho com as linguagens artísticas como metodologia para se ensinar História (BRASIL, 1999, p. 21).

5 Considerações Finais

Acreditamos que diversificar as linguagens no ensino seja fundamental para acionar tanto o cognitivo quanto o lúdico na dimensão relacional de ensino-aprendizagem – possibilitada pela mediação didática contida na ação pedagógica - e, ao fazê-lo, despertar na comunidade escolar a compreensão e também a sensibilidade em relação ao vivido – elementos caros à análise de Walter Benjamin, por meio dos quais justificaria sua confiança na configuração de uma realidade inédita.

6 Palavras-chave: Ensino de História. Consciência Histórica. PIBID.

7 Apoio: CAPES/UFPI

8 Referências

- ASSIS, Machado. Pai contra a mãe. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. vol. II, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC, 1999.
- FONSECA, Selva G. *Didática e Prática de Ensino de História*. 7ª ed. Campinas (SP): Papirus, 2003.
- MONTEIRO, Ana Maria. A História Ensinada: algumas configurações do saber escolar. In.: *História & Ensino*: Londrina, v. 9, out. 2003, p. 9-35.
- NAPOLITANO, Marcos. *História e música: história cultural da música popular*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RANGEL, Marcelo de Mello. Violência e história em Walter Benjamin a partir da crítica de Derrida. *Ítaca*, [S.l.], n. 19, jan. 2012. ISSN 1679-6799. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/177/168>>. Acesso em: 02 Jan. 2016.
- SEFFNER, Fernando. Ler e escrever em História. In. NEVES, Iara C. B. et. al. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2011.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo: Brasiliense, 1999.